

Votação da Constituinte agradou credor nos EUA

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON — A vitória do presidencialismo foi saudada por funcionários governamentais, empresários e banqueiros americanos como o primeiro sinal do fim do longo período de transição política brasileira. “É bom para o país, as incertezas começam a desaparecer e a estabilidade deve voltar”, afirmou um funcionário da Casa Branca, que há muito acompanha os eventos brasileiros.

Grande parte das pessoas que mostraram alívio com a confirmação do regime político vigente apressaram-se a esclarecer que não tinham objeções contra o parlamentarismo. “Mas o Brasil não tem experiência com esse sistema nem os partidos políticos fortemente estruturados que têm caracterizado os regimes parlamentaristas bem-sucedidos”, esclareceu um brasileiro do Departamento de Estado.

No Departamento do Tesouro, prevalecia a impressão de que as discussões da Constituinte sobre a natureza do regime e a duração do mandato do presidente tinham paralisado o governo Sarney em muitas frentes importantes, principalmente na área do déficit e da inflação. “Nas vésperas de decisões dessa envergadura os governantes tendem a gastar mais e isso acaba prejudicando o país a longo prazo. Agora que houve uma definição isso não será mais necessário e é muito bom que seja assim”, disse um assessor do secretário do Tesouro James Baker III.

Estabilidade — Margareth Daly-Hayes, diretora da organização empresarial Conselho das Américas, disse que “os homens de negócio americanos gostam da estabilidade e da previsibilidade. É natural, portanto, que eles gostem da manutenção no Brasil de um sistema que eles conhecem bem aqui e que tem funcionado razoavelmente no passado. Eles sempre ficam inseguros diante de experi-

mentação política de resultados desconhecidos”.

Contudo, o entusiasmo com a decisão da Constituinte não é total. Demonstrando uma ponta de ceticismo, um diretor do Eximbank aclamou a definição pelo presidencialismo mas disse que compete agora ao Executivo tomar as medidas difíceis que vinha adiando. “Os membros da equipe econômica brasileira geralmente põem a culpa das indecisões do governo nas deliberações do Legislativo. Agora que essa decisão básica foi tomada essa desculpa não vale mais”, disse ele acrescentando: “Esperamos que agora adotem as medidas de controle da inflação e dos déficits que são necessárias. E também esperamos que o presidente Sarney as apoie com firmeza”, disse ele.

A maior parte dos membros da comissão de coordenação dos bancos credores do país estava em Caracas ou viajando de volta para Nova Iorque e não pôde ser ouvida. Mas, segundo o *Wall Street Journal*, a recepção entre os banqueiros também foi favorável. Entre os credores estrangeiros do país predomina a impressão de que Sarney e Maílson da Nóbrega saíram fortalecidos do episódio e agora tomarão as medidas de austeridade impopulares a curto prazo, mas que são indispensáveis para interromper a espiral inflacionária.

A maior parte dos economistas do FMI que trabalha intimamente com o Brasil evitou fazer quaisquer comentários sobre o voto da Constituinte. Mas, um deles desabafou grande otimismo diante da notícia. “Agora há esperanças de um programa eficaz para impedir a ameaça de deterioração rápida representada pela inflação de 15% ao mês”, afirmou ele. Na base desse otimismo está a crença de que o presidente Sarney estará menos inibido politicamente daqui pela frente para impor um programa de austeridade.